



O AVESSO DA PELE, DE JEFERSON TENÓRIO: MARCAS DA VIOLÊNCIA E DO RACISMO ESTRUTURAL

Kamilla Oliveira de Souza Alencar¹
Alex Rezende Heleno²

INTRODUÇÃO

As diferentes temáticas das obras literárias, de caráter humano, questionador e crítico podem contribuir para o conhecimento crítico e reflexivo dos leitores. Contudo, por essas mesmas características, a literatura pode, também, incomodar o autoritarismo de poder e o fundamentalismo religioso, tendo em vista que muitos escritos abordam justamente os desafios da sociedade contra a falta de liberdade, contra a censura, contra o conservadorismo social, político e contra o fundamentalismo religioso.

A obra *O avesso da Pele*, de Jeferson Tenório, enfrentou a censura em diferentes Estados: Paraná, Goiás e Mato Grosso do Sul, cujos respectivos governadores se elegeram com base nas principais bandeiras do bolsonarismo: Deus, Pátria e Família. A obra foi vencedora do mais antigo e mais importante prêmio da literatura brasileira, o Prêmio Jabuti de romance literário, em 2021. Além disso, a obra faz parte do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), que objetiva a distribuição de material gratuito às escolas públicas.

Assim, a presente pesquisa está sendo desenvolvida a partir da análise de *O avesso da Pele*, de Jeferson Tenório, buscando entender as motivações para as

¹Discente do curso de Letras com Habilitação em Língua e Literaturas de Língua Portuguesa e Espanhola-EAD (Campus Boa Vista) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima - IFRR. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Inovação Tecnológica-PIBICIT/IFRR. E-mail: kamilla.alencar2503@gmail.com

²Doutor em Letras/Estudos Literários. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima - IFRR. E-mail: alexrezendeh@yahoo.com.br

tentativas de censura a tal obra, apoiando-se na contextualização e no estudo das temáticas abordadas na obra, principalmente, no que diz respeito ao racismo estrutural, tema que se evidencia na narrativa. A análise se apoia, sobretudo, nos estudos de Djamila Ribeiro e Juliana Borges, destacando a importância da literatura na construção de um pensamento crítico e reflexivo e na formação social e cidadã do indivíduo.

MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho teve como método a Pesquisa Qualitativa, tendo em vista que essa abordagem considera haver uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. Portanto, a interpretação dos fenômenos e a atribuição dos significados são básicas nesse processo de pesquisa. Assim, o processo de leitura, contextualização, verificação de hipóteses e seu significado são o foco principal dessa abordagem. Conforme descreve Minayo (2010, p. 56-57), a abordagem qualitativa “se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem (...) sentem e pensam”. Desse modo, a pesquisa está sendo desenvolvida nas seguintes etapas:

- Levantamento da bibliografia a ser estudada, para a contextualização da pesquisa, da discussão sobre o tema e para a escrita de um artigo científico;
- Estudo da obra literária *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório;
- Leitura de textos teóricos em literatura, análise do discurso e história para se trabalhar a perspectiva da censura;
- Encontros para discussão acerca do material selecionada e estudado, e início da escrita do artigo;
- Elaboração do artigo, revisão e submissão à Revista Científica da área.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para verificar o contexto das tentativas de censura à obra, em pleno século XXI, primeiramente foi feita uma análise do contexto que, possivelmente, motivou a

recolha da obra em alguns Estados. Algumas hipóteses para a tentativa recente de censurar obras literárias foram investigadas: a presença expressiva de uma ideologia de extrema direita nos últimos anos; a forte presença da ideologia religiosa e a circulação de fake news sobre o papel da escola e da literatura na formação do cidadão.

O governo do ex-presidente Bolsonaro amplificou as posturas anticientíficas e anticulturais. Movimentos que se dizem conservadores tiveram voz e eco durante o mandato do ex-presidente e se colocaram como protetores da moral e dos bons costumes, com base, inclusive, no slogan do ex-presidente: Deus, Pátria e Família. O artigo “Tentativas de censura a livros nos primeiros dois anos do governo Bolsonaro - 2019-2020”, dos autores Sandra Reimão, João Elias Nery e Flamarion Maués, dão-nos uma perspectiva de como a atuação de Bolsonaro, por meio do discurso de intolerância e ódio, impulsionou “[...] atitudes intolerantes e autoritárias que se somam e tentam construir uma cultura de vigilância e censura” (Reimão; Nery; Maués, 2021, p. 6).

Mesmo não tendo sido reeleito, esse público conservador, apoiador das ideologias de Bolsonaro continua atuante diante de questões relacionadas à política, à cultura, à educação etc., tomando posicionamentos muitas vezes contrários às políticas que podem beneficiar as minorias menos favorecidas no Brasil. Nesse contexto, casos recentes de censura se somaram à censura da obra *O Averso da Pele*. As motivações para a censura são, em geral, semelhantes e estão ligadas à sexualidade expressa em tais obras ou a questões relacionadas à religião, mais especificamente, entendidas como ofensivas ao cristianismo. Porém, embora a motivação para a censura tenha sido a questão sexual, a obra apresenta temáticas diversas com destaque para a questão racial no Brasil, mais especificamente o racismo estrutural, que tem em uma de suas formas a violência policial.

Desse modo, em *O avesso da pele*, acompanhamos a narrativa de Pedro, um filho, em luto, que busca, a partir das próprias lembranças, traçar a trajetória de vida do pai, Henrique, morto em uma violenta abordagem policial, e assim enfrentar o sofrimento. Jeferson Tenório faz, portanto, um retrato de um Brasil marcado pelo racismo e pelas formas violentas nas quais se manifesta. Na obra, o autor evidencia um país que constituiu-se historicamente sob uma economia escravocrata e sob políticas baseadas em ideologias e teorias racialistas que ainda hoje permanecem nas práticas políticas e nas relações sociais. Através das vivências dos personagens,

principalmente do Professor Henrique, é possível perceber as consequências do racismo estrutural na vida de pessoas não brancas, como ele afeta suas relações familiares, amorosas, de trabalho, suas escolhas individuais e a própria percepção de si.

O Brasil foi constituído pelo colonialismo e pelo pensamento escravocrata que classificava e categorizava pessoas negras e indígenas como sub-humanos, em que teorias racialistas foram utilizadas para justificar a escravidão. Mesmo após o fim da escravidão e do colonialismo, esse tipo de pensamento colonialista continuou sendo reforçado e reproduzido pela elite branca que continuava no poder. Nesse contexto, há, até os dias atuais, reflexos desse pensamento nas relações políticas, econômicas e sociais, pois, como afirma Lacerda (2021, p. 200),

[...] o processo de colonização empreendido no Brasil trouxe graves consequências que não se encerraram no período colonial nem tampouco com o fim do sistema escravista e a Proclamação da República. A colonialidade ainda hoje persiste nas relações de poder que se consolidam na identificação dos povos segundo determinados padrões fenótipos e culturais estabelecidos e impostos pelo pensamento branco ocidental.

O colonialismo estruturou a sociedade capitalista atual, que perpetua e reforça as ideologias raciais e a suposta superioridade da raça branca e, dessa forma, materializa-se no racismo, definido por seu caráter sistêmico, pois

Não se trata apenas de uma outra dimensão da percepção do racismo - o racismo estrutural distinto do institucional e do individual/comportamental. Mas de entender que o racismo estrutural é conceber o racismo como produto de uma estrutura sócio-histórica de produção e reprodução de riquezas (Oliveira, 2021, p. 64-65).

Assim, a emancipação das colônias não foi uma ruptura da ordem do sistema-mundo, mas um reposicionamento, em que o capitalismo manteve as hierarquias, sendo o racismo utilizado para estabelecer as hierarquias de ocupação do sistema, o que representa acessos diferenciados à riqueza, levando à legitimação e naturalização da exploração (Oliveira, 2021).

O racismo no Brasil é estrutural, está inserido nas instituições e norteia as relações dos sujeitos. Na obra de Jeferson Tenório é possível perceber as diferentes dimensões, formas e materialização do racismo em nossa sociedade. A forma mais expressiva, cruel e escancarada do racismo estrutural é o racismo institucional, perceptível, principalmente, através da violência policial, cujas principais vítimas são

homens negros. A história de Henrique representa a violência e o extermínio que a população negra enfrenta em nosso país.

Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2024, no ano de 2023, o perfil das vítimas de mortes decorrentes de intervenções policiais era 99,3% homens, 41,5% com idade entre 18 a 24 anos, 82,7% das vítimas eram negras. Conforme os dados apresentados, a taxa de mortalidade de pessoas negras em intervenções policiais é 289% superior à taxa verificada de pessoas brancas. Essa alta desproporção torna inegável o racismo existente no país:

[...] pessoas negras ainda são estigmatizadas como perigosas e inferiores, são detidas e frequentemente mortas pela polícia que atua com extrema violência contra essa população. Também são exterminadas devido à ausência de garantias de direitos básicos, através de políticas públicas por meio do Estado. Considerando-se que no Brasil a maioria da população é negra e, por sua vez, essa maioria constitui-se ainda hoje como a classe mais pobre, se torna evidente que o Estado continua a se posicionar ao lado da elite branca (Lacerda, 2021, p. 200).

A desigualdade racial nas mortes em intervenções policiais revela a influência das dinâmicas racistas na atuação da polícia, em que a cor da pele se torna fator determinante para definir o que seria o perfil do “bandido”, assim como outros marcadores socioculturais ligados a símbolos e signos da cultura afro e periférica. Em suas pesquisas sobre a produção da desigualdade racial no policiamento militarizado no Estado de São Paulo, a socióloga Maria Carolina Schlittler afirma:

No plano das práticas cotidianas, sob a perspectiva do policial, é fácil encontrar formas de identificar publicamente os “trabalhadores” e os “bandidos”, porque a categoria bandido foi conformada ao longo da história da punição no Brasil. E para identificá-los destacam-se os saberes e as moralidades do tirocínio policial, para o qual os “bandidos” têm cor de pele escura, tem uma idade específica, mesmo em dias de calor se vestem com moletons da cultura hip hop, usam cabelos no estilo black power ou seja, são quase sempre os jovens das periferias. Em razão destes marcadores, durante o policiamento ostensivo executado pela PMESP, não apenas os agentes do crime, mas toda uma população que porta em seus corpos marcadores de cor, raça e idade passa a contar entre os potenciais “bandidos” (Schlittler, 2016, p. 187).

Associar pessoas negras e pardas ao crime é uma constituição histórica. Assim, de acordo com Juliana Borges, na era pós-abolicionista, o Estado brasileiro formula, corrobora e aplica um discurso e uma política que considera negros como indivíduos perigosos e, desse modo, continua exercendo seu poder de dominação sobre os corpos e perpetuando a lógica de exclusão e extermínio da população negra,

Seja na total ausência de políticas cidadãs e de direitos, como falta de saneamento básico, saúde integral e empregos dignos; seja pelo caráter simbólico de representação do negro na sociedade como violento, lascivo e agressivo, alimentando medo e desconfiança e culminando em mortes simbólicas, pela aculturação, pela assimilação e pelo epistemicídio, até as mortes físicas, que se estabelecem por violência, torturas, encarceramento e mortes (Borges, 2019, p. 41-42).

Portanto, *O avesso da pele* é um relato ficcional, mas realista, do racismo estrutural no Brasil e expõe uma realidade contemporânea vivida por homens e mulheres negras no país: a pobreza, a desigualdade, a discriminação, as dificuldades de ascensão social e econômica, a violência policial e a morte precoce. A obra de Tenório traz importantes reflexões sobre a estrutura social, econômica, política e cultural de nossa sociedade, sendo uma importante obra literária para entender o contexto brasileiro atual. Ao ler, debater e pensar através da história desses personagens, é possível compreender o que é o racismo estrutural e refletir sobre formas de enfrentá-lo, pois “Essa divisão social existe há séculos, e é exatamente a falta de reflexão sobre o tema que constitui uma das bases para a perpetuação do sistema de discriminação racial. Por ser naturalizado, esse tipo de violência se torna comum” (Ribeiro, 2019, p.25). Assim, torna-se urgente o enfrentamento do racismo estrutural no Brasil.

CONCLUSÕES

A Academia Brasileira de Letras repudiou a censura do livro *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório, pela Secretaria de Educação do Paraná. De acordo com a ABL não há razão para que, em pleno século XXI, livros sejam negados a alunos sob a justificativa de inadequação de linguagem. Desse modo, a Secretaria de Educação deveria, ao contrário, estimular a leitura de livros como esse, para o bem de nossa cultura e o desenvolvimento dos alunos (ABL, 2024). A literatura é uma importante ferramenta na educação antirracista, obras literárias que conversam com o contexto social e cultural dos indivíduos contribuem para o diálogo e a reflexão crítica. Através da leitura é possível estabelecer pontes para discussões construtivas com os estudantes a respeito do racismo estrutural e das consequências deste.

Censurar a obra por motivações ideológicas é impedir que estudantes tenham acesso à discussão sobre o racismo estrutural no Brasil, o que contribuiu para a

perpetuação da violência, pois para se combater o racismo estrutural é necessário, primeiramente, reconhecê-lo, como afirma Djamila Ribeiro: “Devemos aprender com a história do feminismo negro, que nos ensina a importância de nomear as opressões, já que não podemos combater o que não tem nome. Dessa forma, reconhecer o racismo é a melhor forma de combatê-lo” (Ribeiro. 2019, p. 22). É preciso reconhecer o racismo e a opressão, questioná-los e combatê-los, e essa atitude é um dever de toda a sociedade.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e de Inovação Tecnológica – PIBICIT/IFRR, pelo incentivo no desenvolvimento deste trabalho de pesquisa.

REFERÊNCIAS

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA 2024. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, ano 18, 2024. ISSN 1983-7364

BORGES, Juliana. **Encarceramento em massa**. São Paulo; Sueli Carneiro, Pólen, 2019.

BORGES, Roberto Carlos da Silva; MELO, Glenda Cristina Valim de. Quando a raça e o gênero estão em questão: embates discursivos em rede social. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 2, e54727, 2019.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Editora Schwarcz S.A, 2020.

LACERDA, Nayara Ferreira. Pensamento racista no Brasil pós abolição: breve reflexão sobre racismo estrutural. **Mosaico**, v. 13, n. 21, 2021.

MINAYO, M. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 2010.

NOTA de Repúdio. ABL. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C4QkUVpM8N2/>. Acesso em: 5 ago. 2024.

OLIVEIRA, Dennis de. **Racismo estrutural**: uma perspectiva histórico-crítica. 1 ed. São Paulo: Editora Dandara, 2021.

REIMÃO, Sandra; NERY, João Elias; MAUÉS, Flamarion. Tentativas de censura a livros nos primeiros dois anos do governo Bolsonaro - 2019-2020. **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, n. 40: A persistência da censura. Jul.-Dez. 2022, p. 5-18 (<http://periodicos.ufsm.br/index.php/LA>).

REIS, Brenda Rosa Vasconcelos dos; HELENO, Alex Rezende. **Literatura e censura**: do passado ao presente. **Frontería**, v. 4, n. 1, ago-dez, p. 137-159, 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHLITTNER, Maria Carolina. **“Matar muito, prender mal”**. A produção da desigualdade racial como efeito do policiamento ostensivo militarizado em SP. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2016.

SOUZA, Neusa Santos. **Torna-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.